

OEIRAS E O GUARDIÃO DA MEMÓRIA POSSIDÔNIO QUEIROZ

Francisco Alcides do Nascimento*

A cidade foi tomada por mim com objeto de estudo desde meados de 1995 quando iniciei o curso de pós-graduação em nível de doutorado. Nasceu ali uma tese sobre Teresina, no período denominado na História do Brasil de Estado Novo. A capital do Piauí continuou/continua sendo o objeto de pesquisa privilegiado por mim. Entretanto a realização de um estágio pós-doutoral na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) me orientou refletir sobre outra cidade, a primeira capital do Piauí, Oeiras. Não tenho a pretensão contar a história do projeto e sim refletir sobre a relação entre história, memória e cidade. Esta relação atravessa a vida de uma parcela considerável dos frequentadores da oficina de Clio. Não que cidade seja uma temática nova entre os historiadores, mas a forma como ela tem sido tratada recentemente é diferente. Mas no conjunto mencionado, memória ganhou grande dimensão na produção do conhecimento contemporâneo, apesar da imensa discussão que se travou a partir da segunda metade do século XX sobre a relação entre história e memória. Pode-se destacar entre os historiadores de “ponta” Pierre Nora, Michel de Certeau, Michel Pollack, Paul Ricoeur, Betriz Sarlo, dentre muitos outros.

Ricoeur se coloca contrário àqueles que opõem história e memória, apontando que o historiador deve tentar reconhecer as diferenças entre uma e outra, mas destacar também a relação que as une. Segundo este autor,

A memória continua sendo a guardiã da última dialética constitutiva da passividade do passado, a saber, a relação entre o ‘não mais’ que assinala seu caráter acabado, abolido, superado, e o ‘tendo sido’ que designa seu caráter originário e, neste sentido, indestrutível (2000, p.648).

Roger Chartier (2001) denuncia:

As reivindicações da memória individual ou coletiva, experimentada ou institucionalizada, também levaram ao questionamento das pretensões do saber histórico, considerado frio e inerte diante da relação viva que leva à apreensão do passado no imediatismo de sua reminiscência[...] A história deve respeitar as exigências da memória, necessárias para curar as feridas infinitas, mas deve, concomitantemente, reafirmar a especificidade do regime de conhecimento que lhe é próprio (CHARTIER,2001, p.257).

* Professor Associado II da Universidade Federal do Piauí/Programa de Pós-Graduação em História do Brasil.
Email: falcides@uol.com.br

A discussão teórico-metodológica que atravessa a relação entre história e memória e que afeta aqueles que trabalham com a cidade é grande e necessária, afinal de contas a cidade não mais vista apenas como o lugar da produção, mas também como o lugar da cultura, o lugar de novas sensibilidades. Defendo, seguindo os passos de Sandra Pesavento que:

Toda a experiência sensível do mundo, partilhada ou não, que exprima uma subjetividade ou uma sensibilidade partilhada, coletiva, deve se oferecer à leitura enquanto fonte, deve se objetivar em um registro que permita a apreensão dos seus significados. O historiador precisa, pois, encontrar a tradução das subjetividades e dos sentimentos em materialidades, objetividades palpáveis, que operem como a manifestação exterior de uma experiência íntima, individual ou coletiva. (2004, p.9)

Esta comunicação tomou a cidade de Oeiras que é projetada através da memória de Possidônio Nunes de Queiroz e as fontes são textos que foram escritos para serem lidos em um programa de rádio, levado ao ar aos sábados, através dos microfones da Rádio Primeira Capital, oficialmente a primeira emissora de rádio implantada naquela cidade. O recorte temporal construído para esta comunicação foi o ano de 1984 e a decisão de tomar apenas um ano está relacionada ao fato de ter recebido um caderno com os programas da emissora naquele ano.

O pacote de textos chegou às minhas mãos em virtude de ter desenvolvido projeto de pesquisa sobre o rádio no Piauí, entretanto, não empreguei os *scripts* do programa naquela ocasião. Devo acrescentar que encontrar manuscritos de programas de rádio na radiofônia brasileira, pelo menos até recentemente quando o autor desta comunicação escreveu sobre o rádio não era comum. O comum era as emissoras não preservarem a documentação produzida cotidianamente. Aqui vale lembrar a noção de documento como monumento sugerida por Michel Foucault, onde propôs que os “documentos devem ser examinados como representativos de maneiras de se enxergar/significar o mundo, monumentos de uma determinada época e não simplesmente como prova da verdade dos fatos” (1986, p.34).

A partir da atividade de historiador/intelectual e de suas práticas escriturísticas, além do seu envolvimento com a produção cultural mais ampla da cidade, Possidônio produziu um discurso centrado na realidade social da qual faz parte. Esta constatação é possível devido as articulações que promove com vários fatores e áreas de conhecimento. Todavia defendo aqui a necessidade de refletir sobre o papel do historiador que vive em uma cidade pequena e que além disso é funcionário público do município.

Possidônio Queiroz ao se referir a Oeiras em seus textos, sempre o fez chamando-a de “primeira capital”, “a cidade invicta”, “mãe do Piauí”. O seu trabalho é o de “enquadrar a memória” sobre a cidade. E o que significa isso? Michel Pollack (1992, p.201) ao introduzir

na discussão sobre memória o conceito de trabalho de enquadramento da memória, nos ajuda. Este autor considera que o trabalho de esquadramento da memória é feito parcialmente pelos historiadores. Se isso se configura como verdadeiro, então Possidônio Queiroz desempenha bem o papel uma vez que reflete sistematicamente sobre acontecimentos que avalia relevantes para a história de Oeiras e publica o resultado de tais reflexões em jornais, na Revista do Instituto Histórico de Oeiras, além transmiti-las através das ondas da Rádio Primeira Capital.

O trabalho de Possidônio é evitar que a memória do grupo, no caso a de Oeiras, entre disputa, como propõe Pollack. Possi trabalha com a memória oficial, mas existem outras, que, por vezes, podem se constituir naquilo que Pollack chamou de memórias subterrâneas que trabalham com objetivo de romper o silêncio sobre questões silenciadas voluntariamente ou não, a elas relacionadas. Como anotou Pollack “todo trabalho de enquadramento de uma memória de grupo tem limites, pois ela não pode ser construída arbitrariamente. Este trabalho deve satisfazer a certas exigências de justificação” (1989, p.5).

Possidônio Queiroz escreveu o programa e guardou em sua residência os manuscritos, aliás esta foi uma prática de Possi. Este ator social se correspondeu com muitas pessoas pelo Brasil afora e suas cartas eram datilografadas em duas vias, uma delas ficava em seus arquivos. Não tenho certeza ainda, se ao desenvolver tal prática tinha a intenção de transformá-las em fontes para pesquisadores no futuro, mas o fato os seus escritos aos quais tive acesso até o momento me permitem empregar a expressão, como o fez Angela de Castro Gomes, em algum momento: “guardião da memória”. Destaca esta autora que “o guardião da memória ou o mediador, como também é chamado, tem como função primordial se um “narrador privilegiado” da história do grupo a que pertence e sobre o qual está autorizado a falar” (GOMES, 1996, p.07).

Destacou-se em Oeiras, como assinalou José Expedito Rêgo em ensaio de 1995, “como sábio, autodidata, leitor compulsivo, estudioso da história de Oeiras, mas dominava também aspectos daquilo que alguns historiadores e antropólogos chamam de história popular e outros chamam de folclore (lendas, tradições, anedotas, costumes antigos), amante da terra berço” (REGO, 1995, p.14). Manuel Paulo Nunes, do mesmo modo, escrevendo sobre Possidônio Queiroz, destaca que escritores que viveram/vivem na província, muitas vezes em cidades pequenas, sem qualquer possibilidade de ganhar visibilidade nacional, na maioria das vezes sem condições materiais de editar livros, sem apoio logístico da imprensa local, teimam em escrever e, no caso de Possi, escrever bem. “Jornalista, orador, conferencista, historiador, exímio musicista e pessoa humana do mais fino trato, vivendo todo o tempo em sua

comunidade interiorana, de cuja vida social é excelente partícipe, ele é bem o retrato do intelectual de província, sem ser provinciano” (NUNES, 1996, p.16).

Tanto Expedito do Rego quando Manuel Paulo Nunes destacaram em seus textos que Possidônio Queiroz era historiador e, nessa condição, escreveu sobre temas históricos nos quais Oeiras tomou parte ativa como o processo de independência do Piauí, por exemplo. Construiu um discurso que o transformou em uma pessoa respeitada na cidade e sempre lembrado para as atividades comemorativas de Oeiras. Participou da fundação do Instituto Histórico de Oeiras e foi sócio correspondente da Academia Piauiense de Letras do Piauí.

A partir da atividade de historiador/intelectual e de suas práticas escriturísticas, além do seu envolvimento com a produção cultural mais ampla da cidade, pode-se dizer que seu discurso centra-se na realidade social da qual faz parte. Esta constatação é possível devido as articulações que promove com vários fatores e áreas de conhecimento. Francisco Alcides do Nascimento advoga que o discurso além de ser um instrumento de compreensão de conjunturas sociais é um dos mais importantes veículos de produção do sentido no interior de uma sociedade (NASCIMENTO, 1998).

Na condição de historiador Possidônio Queiroz se instituiu como a voz autorizada para discutir sobre a história e a memória de Oeiras. Em dois meios de comunicação existentes na primeira capital, além das Revistas do Instituto Histórico de Oeiras. Em razão disso, volto a dialogar com Angela de Castro Gomes quando esta anotou que

A memória é um trabalho. Como atividade, ela refaz o passado segundo os imperativos do presente de quem, rememora, resignificando as noções de tempo e espaço e selecionando o que vai e o que não vai ser “dito”, bem longe, naturalmente, de um cálculo apenas consciente e utilitário. Quem aceita fazer o trabalho da memória, o faz por alguma ordem de razões importantes, dentre as quais estão a busca de novos conhecimentos, a realização de encontros com outros e consigo mesmo, de forma a que os resultados sejam enriquecedores sob o ponto de vista individual e coletivo (GOMES, 1996, p.7).

Na condição de historiador mor de Oeiras, Possidônio desenvolveu um trabalho que permitia trocar idéias com outros historiadores que tratavam do Piauí como temas de suas pesquisas. Era chamado a intervir no ensino fundamental e médio da cidade. Esta quase sempre cercado de alunos que, orientados pelos seus professores, procuravam o mestre para tirar dúvidas sobre datas comemorativas da cidade, sobre a arquitetura que constituía a paisagem da urbe, sobre manifestações da cultura local, dentre outros. Esta atividade fazia bem ao mestre, ao que parece se sentia prestigiado.

No dia 12 de julho de 1984 ocupou os microfones da Rádio Primeira Capital de Oeiras tratar do falecimento do desembargador Pedro Amador Martins de Sá, conterrâneo de Possidônio, um homem do final do século XIX. Logo na abertura do programa o locutor declara que o jurista falecido deixava saudade e manifesta o seu reconhecimento ao desembargador. Na sequência, traça o perfil do morto, informando o ano em que tinha nascido, o local onde havia se formado em Direito e da prodigiosa memória que possuía. Ao tratar desta, anotou que o desembargador tinha sido contemporâneo de Antonio Francisco da Costa e Silva, mais conhecido nos meios intelectuais brasileiros como Da Costa e Silva. Disse Possidônio que Pedro Sá aos oitenta anos ainda recitava poemas de poeta de Amarante/PI.

Na condição de professor, Pedro Martins Sá, segundo a opinião de Possidônio Queiroz, tinha grande poder de transmitir ensinamentos aos alunos pela facilidade de expressão, “que lhe permitia usar a linguagem vária para chegar à inteligência dos seus discípulos. Quem ouviu as palestras, delas não se esquecerá jamais, porque sempre esmaltadas de um lustre de inteligência e de humor” (QUEIROZ, 1984). Destaca a atuação do homenageado no campo da justiça como procurador de justiça, como juiz de direito em várias cidades piauienses. Ao concluir o comentário sobre a atuação do magistrado declara,

O seu nome, como Magistrado, tornou-se sobremodo respeitado no Piauí pela integridade do seu caráter ímpoluto, pela sua inteligência, pela sua cultura, pela sua judiciosidade dos seus julgados. Hoje morto, (seguindo o destino de todos os homens), não será o nome menor do que quando vivo (QUEIROZ, 1984).

Os traços pessoais do juiz arrolados por Possidônio Queiroz tendem a revelar uma coerência, uma integridade, uma plenitude e uma inteireza da vida do homenageado que, parafrazeando Hayde White (1996) só existe no imaginário do cronista. Esses são os riscos que correm os historiadores que toma a trajetória de vida de um indivíduo. Entretanto cabe lembrar Pierre Bourdieu ao destacar que

o relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, tornar razoável, de extrair um lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito à causa eficiente ou final, entre os estados sucessivos, assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessário (1996, p.184).

Tais reflexões tornam obrigatória pensar sobre o papel do historiador que vive em uma cidade pequena e que além disso é funcionário público do município. O morto deve ter se transformado em uma pessoa respeitável. A morte, então, não deve contribuir para que o nobre homem seja esquecido, daí que o discurso do historiador no microfone da única

emissora da cidade iniciar o processo de sacralização do juiz Pedro Sá. Como o locutor iniciou o processo? Através da rememoração. Esta por sua vez, pode ser um difícil processo de negociação entre o individual e o social, pelo qual identidades estejam permanentemente sendo construídas e reconstruídas, garantindo-se uma certa coesão à personalidade e ao grupo, concomitantemente” (GOMES,1996).

Volto a dialogar com Angela de Castro Gomes quando esta advoga que

A guarda de uma memória comum é fator essencial na formação e manutenção de grupos (de tamanhos e tipos variados), bem como é elemento base de sua transformação. Por isso, não pode sofrer mudanças abruptas ou arbitrárias, sob o risco de desintegrar referenciais fundadores e ameaçar a própria manutenção da identidade do grupo. Esta dimensão da memória, que lhe dá limites e demanda reelaboração permanente, vincula-se a um fenômeno que a literatura especializada chama de “trabalho de enquadramento” da memória. Por conseguinte, o enquadramento e a guarda da memória comum se retroalimentam, estando ligados à presença de uma figura especial – porque singular no grupo e porque especializada –, que se reconhece e é reconhecida como guardião da memória (1996, p.6).

De que forma um homem de cor e que não fazia parte do grupo social de maior poder aquisitivo da cidade foi alçado à condição de historiador oficial da/cidade. Seus pares, como destacamos no início do texto, argumentaram que Possidônio era um homem inteligente e versátil. Atuou como músico, professor, e deste lugar social contribuiu com muita gente de Oeiras, como anotou Expedito do Rego. Na opinião deste comentarista Possidônio escreveu discursos para líderes políticos que não sabiam ler e tropeçavam nas palavras, orientou alunos, professores, juizes, advogado e diplomatas. Além disso, compôs o hino de Oeiras, pois era “músico erudito, virtuose da flauta, compositor extraordinário de valsas e outros ritmos, sempre vazada na mais primorosa melodia. Por ocasião das comemorações dos 250 anos da catedral de Oeiras” (REGO, 1995, p.14).

Acredita-se que Queiroz pode ser caracterizado como um daqueles intelectuais que atuavam como “enquadradores da memória” de Oeiras, suas características de produtor do conhecimento indicam como tal. Especializou-se como historiador e a quem todos recorriam, muito especialmente alunos e professores para tirar dúvidas sobre a história da cidade, sobre o patrimônio histórico seja ele material ou imaterial, sobre as festas religiosas ou profanas. No lugar de historiador da cidade, sempre foi muito requisitado para as conferências e palestras. Suas repetidas palestras sobre a participação de Oeiras nas lutas pela independência do Piauí tem o papel de alimentar a memória sobre o que os filhos de Oeiras precisam saber.

Possidônio Queiroz ao se referir a Oeiras em seus textos, sempre o fez chamando-a de “primeira capital”, “a cidade invicta”, “mãe do Piauí”. O seu trabalho é o de “enquadrar a memória” sobre a cidade. E o que significa isso? Início aqui um diálogo com Michel Pollack

(1992) quando este introduz na discussão sobre memória o conceito de trabalho de enquadramento da memória. Pollack considera que o trabalho de esquadramento da memória é feito parcialmente pelos historiadores. Se isso se configura como verdadeiro, então Possidônio Queiroz reflete sistematicamente sobre acontecimentos que considera relevantes para a história de Oeiras e publica o resultado de tais reflexões em jornais, na Revista do Instituto Histórico de Oeiras, além transmiti-las através das ondas da Rádio Primeira Capital. Cumprindo o papel de “guardião da memória”, transformou-se na voz autorizada para discutir a história do Piauí na primeira capital do Piauí.

O trabalho de Possidônio é evitar que a memória do grupo, no caso a de Oeiras, entre disputa, como propõe Pollack. Possi trabalha com a memória oficial, mas existem outras, que, por vezes, podem se constituir naquilo que Pollack chamou de memórias subterrâneas que trabalham com objetivo de romper o silêncio sobre questões silenciadas voluntariamente ou não, a elas relacionadas. Como anotou Pollack “todo trabalho de enquadramento de uma memória de grupo tem limites, pois ela não pode ser construída arbitrariamente. Este trabalho deve satisfazer a certas exigências de justificação” (POLLACK, 1989, p.5).

Em programa levado ao ar no dia 21 de julho de 1984, Possidônio Queiroz decidiu “rememorar fatos transcorridos aqui, nos idos de julho de 1926” (QUEIROZ, 1984). Tais fatos estão relacionados à passagem da Coluna Prestes pelo território de Oeiras. O autor do texto narra de forma rápida os acontecimentos que antecederam à formação da Coluna Prestes. Trata da bravura do “supremo” general Miguel Costa, de “valerosos e brilhantes” oficiais do Exército que lutavam por um ideal: o da moralização dos costumes políticos” (QUEIROZ, 1984). Este recorte do texto lido nos microfones na Rádio Primeira Capital, nos lembra outro texto do mesmo autor escrito para uma conferencia por ocasião da Semana da Pátria do ano de 1972.

Possidônio Queiroz foi convidado a proferir uma conferencia sobre a contribuição do Piauí nas lutas da independência do Brasil e defende que apesar de em Oeiras haver adeptos do separatismo, “as lideranças eram prudentes, cautelosas não se arriscavam uma propaganda aberta. Não se expunham, que isso não convinha, não era certamente o medo do sacrifício pessoal. Mas, isto sim, o de um sacrifício improdutivo, inglório. Morrer por uma causa, na hora exata, é ato de sublime abnegação. Imolar-se fora de tempo pode ser loucura” (QUEIROZ, 1972). No ano da conferência em tela, o Brasil vivia o auge da ditadura civil-militar, a presidência da República era ocupada por Emílio Garrastazu Médice. Homens e mulheres foram presos, torturados e mortos pelo Brasil afora.

Possidônio em seu discurso qualifica as lideranças de Oeiras como “prudentes”, “cautelosas”, que desejavam a independência mas sem se arriscarem através de propaganda aberta. Não se expunham, não por medo do sacrifício pessoal. Mas, isto sim, o de um sacrifício improdutivo, inglório. Morrer por uma causa, na hora exata, para Possi era ato de sublime abnegação. Sacrificar a vida fora de tempo, era loucura. Defende a harmonia e a paz.

No final de sua conferência conclama a todos os oeirenses a trabalhar pela crescente prosperidade de primeira capital do Piauí. Argumenta que Oeiras “tem uma destinação histórica a cumprir. Todos os seus filhos somos responsáveis por esse destino. Lutas estéreis, competições que não visem o bem comum, dever ceder lugar ao grande sadio combate por esta que é a mãe do Piauí. Trabalhemos para que num futuro, que desejamos super-próximo, os ideais democráticos sejam aqui um fato” (QUEIROZ, 1972).

As duas situações são completamente distintas. Na primeira delas, um conjunto de militares que rompeu com a hierarquia do Exército e convulsionou o interior do país é tido por Possidônio Queiroz como realizadores de uma “marcha admirável”. Prestes foi chamado de gênio militar, “que bem se poderia comparar a um estrategista da Grécia antiga,” Juarez foi chamado de “bravo coronel revolucionário”. No segundo momento, a cúpula do Exército tomou de assalto ao poder através de um golpe, com o apoio dos civis. As temporalidades também. Entretanto as intervenções são apaziguadoras. Os textos foram escritos a partir das lembranças. Michel Pollack nos orienta para uma das características da memória, ela é fluante, mutável, tanto a individual quanto a coletiva. Mas acentua também que apesar de tais características, “na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis” (POLLACK, 1992, p.12). Me parece que a formação ideológica e social têm reflexos diretos naquilo que se lembra e como se lembra. Mas a memória é também constitutiva da identidade pessoal e coletiva, tema caro à etnologia mas que interessa igualmente aos historiadores orais” (JOUTARD, 1996, p.54). Neste caso, cabe recordar também que “sempre haverá um déficit entre o objeto representado e as representações que fala por ele, em seu lugar, acentua Eleonora Zicari Costa Brito” (BRITTO, 2008, 32) .

Seguindo esta trilha, “nenhum texto, mesmo o aparentemente mais documental, mesmo o mais objetivo, [...] mantém uma relação transparente com a realidade que apreende”, anota Roger Chartier” (1990, p.28). E continua este autor, “aquilo que é real, efectivamente, não é (ou não é apenas) a realidade visada pelo texto, mas que a própria maneira como ele a cria, na historicidade da sua produção e na intencionalidade de sua escrita” (CHARTIER, 1990, p.63).

Na tentativa de fechar esta comunicação, que resulta de uma pesquisa ainda em andamento, pode-se dizer há nos discursos de Possidônio Queiroz a intenção de orientar, diria mais, de ensinar sobre a história, muito especialmente da história de Oeiras aos ouvintes de seu programa de rádio e leitores de suas comunicações. Na condição de “guardião da memória”, constrói uma história oficial e tenta a construção de uma identidade.

Referências bibliográficas:

- BOURDIEU, Pierre. A Ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina & FERREIRA, Marieta de Moraes. (Orgs.) **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- BRITO, Eleonora Zicari Costa. História, historiografia e representações. In: KUYUMJIAN, Marcia de Melo Martins e MELLO, Maria Theres Negrão de (Org.). **Os espaços da historia cultural**. Brasília: Paralelo 15, 2008.
- CHARTIER, Roger. **História cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Difel, 1990.
- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do poder**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.
- GOMES, Ângela de Castro. A guardiã da memória. **Acervo-Revista do Arquivo Nacional**. Rio de Janeiro, v.9, n.1/2, p.17-30, jan./dez. 1996.
- JOUTARD, Philippe. História oral: um balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996
- NASCIMENTO, Francisco Alcides do. e SANTIAGO JR., Francisco das C. F. **Encruzilhadas da história: rádio e memória**. Recife: Bagaço, 2006.
- NASCIMENTO, Francisco Alcides do Nascimento. **Os labirintos da construção do discurso sobre o discurso**. (Texto não publicado).
- LIMA, Nilsangela Cardoso. **Invisíveis asas das ondas zyq-3: sociabilidade, cultura e cotidiano em Teresina (1948-1962)**. Dissertação (Mestrado em História). Teresina: UFPI, 2007.
- NUNES, Manuel Paulo. Escritores de Província. In: **Possidônio Queiroz**. Teresina: Fundação José Elias Tajra, 1995.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy, « Palavras para crer. Imaginários de sentido que falam do passado », *Número 6 - 2006*, **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, mis en ligne le 28 janvier 2006, référence du 26 janvier 2008, disponible sur : <http://nuevomundo.revues.org/document1499.html>. affiliation : UFRGS



POLLACK, Michel. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

QUEIROZ, Possidônio Nunes de. Contribuição do Piauí nas lutas pela Independência. **Revista do Instituto Histórico de Oeiras**, n. 02, 1972. p. 69/88.

QUEIROZ, Possidônio. **Des. Pedro Sá**: palavras proferidas por Possidônio Queiroz ao microfone da Rádio Primeira Capital. Oeiras, 12 mar. 1984.

RÊGO, Expedito. Possidônio, o esquecido. In: **Possidônio Queiroz**. Teresina: Fundação José Elias Tajra, 1995.